



Título: **“Populismo Religioso e Secularização”**
Autoria: José Brissos Lino e Jorge Botelho Moniz
Coleção: Grandes Debates da Actualidade (Nº.8)
Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, 2021

Um dos últimos lançamentos da coleção de “Grandes Debates da Atualidade”, publicada pela Universidade Lusófona neste ano, é este excelente livro, “Populismo Religioso e Secularização” da autoria de José Brissos-Lino e de Jorge Botelho Moniz. A obra em boa hora traz para a discussão os recentes fenómenos do populismo religioso e da secularização, especialmente numa Europa que, em pleno séc. XXI, se quer assumir laica e secularizada.

Na primeira parte da obra – “O Populismo Religioso” – Brissos-Lino conduz-nos primeiramente através das várias semânticas do populismo. Embora associado a determinado tipo de ideologia, no dizer do autor o populismo é geralmente associado a governos autoritários ou personificado em lideranças carismáticas baseadas em estratégias de propaganda direta às massas, na busca da conquista e manutenção do poder. Esse exercício de poder tem como base o apoio popular direto, passando geralmente ao lado dos sistemas representativos e das instituições democráticas vigentes.

O líder, de cariz populista, evitando o uso habitual das instituições políticas, vai criando uma ilusão de proximidade com as massas, usando discursos que vão respondendo com eficácia definitiva aos seus medos sociais. Estabelecer-se-á assim uma espécie de clientelismo entre o líder populista e a população. Alguns desses líderes, apresentam-se mesmo como religiosos, agindo em nome de Deus contra, por exemplo, a generalidade dos estados europeus que se têm assumido como laicos, principalmente a partir da Modernidade.

Interessante o apontamento que se faz em associar o populismo também a essa postura antiglobalizante, uma vez que o processo vai abatendo fronteiras, tanto físicas como mentais, flexibilizando até movimentos migratórios e de refugiados, e que é usado pelo populismo a fim de instigar insegurança e medo junto das populações. O autor finaliza esta seção com a nota que os populismos têm um terreno muito fértil no meio das crises e, geralmente, combatem as políticas ecológicas e ambientalistas, não se preocupando com os crimes ambientais em geral.

Na parte “Populismo e Catarse”, Brissos-Lino argumenta que o populismo tem ligações com as catarses coletivas. Apesar de se observar que nos momentos mais críticos da História grandes mudanças foram introduzidas por lideranças catárticas, populares, mas não populistas. Já os líderes catárticos populistas, muitas vezes induzem a grandes desastres. Aponta-se aqui, e muito

bem, o campo religioso, onde se observam muitas vezes fenómenos catárticos através da prédica, preces e música e onde os fiéis são induzidos ao fanatismo pelos líderes que os desencadeiam.

O Populismo Religioso, ou seja, as relações entre populismo e religião, é ainda uma área pouco explorada nas pesquisas sociais. Os recentes fenómenos populistas que surgiram recentemente na América, tanto nos Estados Unidos, como no Brasil, revelam uma estreita correlação entre política e religião. De facto, como afirma Brissos-Lino nesta terceira seção, esses tipos de populismos hipotecam valores essenciais da fé em nome de outros interesses, dando ocasião a processos de desvirtuamento do próprio sentido da religião. Regra geral, os líderes populistas religiosos conseguem criar a ilusão de proximidade com as massas, criando uma empatia com os seus medos, necessidades e aspirações. Socorrem-se igualmente duma linguagem bastante básica nos seus discursos, dando a entender que compreendem os dramas e necessidades do seu auditório, fazendo ver, inclusive, que são a chave para a resposta sobrenatural às respostas dos fiéis.

Acresce-se que, em momentos de descontentamento geral que ocorrem quando o estado não consegue dar resposta às demandas dos cidadãos, o governo perde legitimidade social e política, deixando um espaço vazio que as instituições não conseguem preencher. A própria máquina do estado, que é suportada por todos, passa a ser entendida pelas massas como favorecendo muito poucos em detrimento da grande maioria, gerando assim cismas que darão oportunidade ao surgimento dos populismos. É precisamente nestes momentos que os líderes carismáticos, que aparentam uma forte ligação às massas, tornam perigoso o populismo religioso, tanto no terreno político como religioso.

O autor passa de seguida a estabelecer alguns paralelismos e semelhanças entre o líder populista e o populista religioso. Associa o discurso moralista e excludente ao populismo religioso, onde se dá pouca margem a

opiniões diferentes que possam colocar em causa a ordem estabelecida. O próprio líder religioso, assumindo-se como parte das massas e com um discurso honesto e puro, posiciona-se sempre contra as elites, acusando-as de serem corruptas. Possibilita assim uma atmosfera de ódio contra a sociedade que resulta em autoritarismo e onde se assume como agente e ungido por Deus para trazer salvação e bênçãos aos seus seguidores.

É igualmente contrário ao diálogo confessional ou ecuménico por recear a perda de influência sobre os seus fiéis, ameaçando-os até com a figura do diabo, criando sentimentos de insegurança e fazendo com que estes obedeçam cegamente às suas orientações. Outras características do líder populista religioso, são o de serem contra o discurso científico, especialmente quanto questionam as suas bases da fé e de promoverem o apagamento do indivíduo em detrimento do coletivo, uma vez que neste último tem proeminência assegurada.

Na seção “Transversalidade religiosa do fenómeno”, Brissos-Lino aponta para a transversalidade do fenómeno do populismo em todas as religiões e em particular nas religiões abraâmicas, cristianismo, judaísmo e islamismo, embora o fenómeno também se verifique noutras religiões não teístas como, por exemplo, no hinduísmo e budismo. Já na última parte, acerca do discurso religioso dos populismos, afirma-se que os líderes religiosos não perdem a oportunidade de captar a atenção dos segmentos religiosos, apropriando-se da sua simbologia a fim de ganhar simpatia e apoios. De facto, como diz e muito bem Brissos-Lino, o vínculo entre populismo e religião é evidente, embora não pareça interessar aos académicos. De facto, neste tempo em que é perceptível no mundo ocidental a desfiliação, tanto religiosa, como política, a utilização da fé não será tanto para aproximação ao divino, mas como resposta à necessidade de uma sociedade que já há muito perdeu a sua bússola moral.

As conclusões desta primeira parte, apontam para o fato indiscutível do aumento progressivo do populismo nestes últimos tempos em todo o mundo,

deixado se ser fenómeno exclusivo da América Latina. Também o fenómeno do populismo encontra tradução direta, no dizer do autor, no universo religioso, em especial quando se observam comparativamente os sinais distintivos entre o populismo político e o religioso.

A segunda parte, da autoria de Jorge Botelho Moniz, começa por discorrer acerca do fenómeno da privatização da religião, especialmente a secularização e o recente revivalismo religioso através da crescente influência que as religiões têm vindo a exercer na vida política. Na primeira seção, Botelho introduz o leitor no processo da secularização levado a cabo pelo poder político no sentido de, progressivamente, se ir emancipando do poder da religião e remeter esta para a vida privada dos cidadãos. Lançava-se, pelo menos originalmente, as bases de um projeto secular moderno em que se esvaziava ou neutralizava a esfera de ação da religião no espaço político, sendo essa rutura um dos valores constitutivos das democracias liberais.

Outro apontamento a ressaltar, é o facto de a moralidade social e coesão comunitária se terem deslocado da cultura religiosa para a sociedade secular e substituídas pelo nacionalismo secular, ideia essa surgida no séc. XVIII e difundida pelo mundo nos séculos XIX e XX. No Ocidente, continua o autor, a ideia do estado-nação encontrou o seu lar, onde se desenvolveu uma relação muito pacífica entre política secular e religião organizada. Foi esse o paradigma dominante entre o pós-II Guerra Mundial e os anos 60.

Já na seção seguinte, que fala sobre a desprivatização política do religioso, Botelho fala acerca do retorno do religioso ocasionado pela incapacidade dos movimentos seculares resolverem questões práticas e metafísicas (a chamada crise da modernidade) e as mutações produzidas no curso da globalização, entre outras. Contra o historicismo marxista, o cientismo positivista e as distintas teorias filosóficas que proclamavam o seu declínio, a religião reaparece agora a ocupar o lugar que a ciência e a tecnologia deixaram

face à impossibilidade destas em dar respostas às necessidades existenciais dos indivíduos.

Inicia-se assim um pouco por todo o mundo, e por vezes de forma violenta, a desprivatização da religião no espaço público, onde as religiões, que se recusam a aceitar um papel marginal e privatizado que lhes haviam reservado, continuam a operar cada vez mais na esfera pública e a impactar politicamente as sociedades modernas. Fica assim visível o extrapolar das religiões da sua área primária, que é o cuidado pastoral dos crentes, ao desafiarem cada vez mais as forças sociais e políticas dominantes. O autor faz notar ainda a existência de ligação direta entre o avanço da liberalização e o aumento da influência da religião na vida política como resposta desta à modernização e globalização.

Ainda segundo Botelho, após os ataques terroristas do 11 de setembro têm-se assistido à ressurgência do populismo religioso um pouco por todo o mundo, vindo-se a verificar a afirmação do mesmo no espaço da vida pública: os assuntos religiosos têm-se tornado cada vez mais relevantes ao nível das políticas nacionais e internacionais. As próprias forças populistas têm mostrado uma grande apetência para a confrontação pública e política, agindo em “nome de Deus”. Já o populismo religioso dará uma maior ênfase à proximidade de cada crente relativa à autoridade divina, convocando os fiéis para uma ação reformadora do mundo. Pode-se afirmar que a desprivatização do populismo religioso, ou seja, a politização do seu discurso, teve no Ocidente uma expansão a territórios tidos como seculares ao usar, por exemplo, uma narrativa relativa à luta do povo oprimido a fim de justificar a sacralidade das suas ações.

Por fim, dois fenómenos, subtipos do populismo religioso e que parecem estar associados à sua desprivatização, a modernofobia e a islamofobia. As práticas de normalização secular a que temos vindo a assistir nas sociedades e que têm promovido hegemonias culturais de secularização, por vezes têm como consequência, no dizer do autor, certa marginalização do religioso e a inquestionabilidade das suas estruturas de plausibilidade. Conforme já se

referiu, os processos de modernização social, económica e cultural romperam há muito com as fontes de identidade e com os sistemas de autoridade, o que fez com que a religião tenha vindo a surgir com resposta sedutora às pessoas em busca de sentido.

Assim, continua o autor, as comunidades religiosas aparecem como recurso fundamental para legitimação existencial dentro duma dinâmica social de dúvida, niilismo e anomia. O secularismo é assim tido como um problema, o que faz emergir o fenómeno do fundamentalismo, onde o se manifesta um populismo religioso de cariz fortemente conservador, que é contra a modernidade em reação à imposição desse sistema global monopolar dominado pelo Ocidente e que, como conclui Botelho, reivindica o secularismo como compasso moral da política relativamente à gestão dos assuntos públicos.

O outro fenómeno, o populismo religioso como islamofobia, ou aversão ao Islão, tem vindo a manifestar-se com alguma preocupação no Ocidente e principalmente após a queda do mundo de Berlim e final da Guerra Fria. Apesar de o número de islâmicos na Europa não ser ainda muito significativo – apenas cerca de 5% da população oriunda em parte dos fluxos migratórios, tem vindo a surgir algum discurso populista, associado ao populismo religioso europeu e que reivindica para si a defesa de valores de uma civilização europeia de matriz judaico-cristã, principalmente a cristã. Assim, como observa Botelho, uma nova forma de populismo religioso tem vindo a tornar-se gradualmente hegemónica na Europa moderna – o populismo islamofóbico. Assiste-se até no Ocidente, a uma instrumentalização da religião pelos populistas, que diferenciam a nação ou o povo de outros que a ameaçam.

O surgimento e crescente fenómeno do populismo religioso nestes últimos tempos tem feito soar os alarmes nos centros de investigação académica, tanto no campo político e social como religioso, tema que até ao presente tem sido um pouco negligenciado e pouco estudado. As recentes vitórias eleitorais de Donald Trump e de Jair Bolsonaro, o reforço de poderes

do presidente turco Erdogan e o próprio Brexit no Reino Unido são apenas alguns dos casos em que se pôde verificar empiricamente o quanto o populismo tem vindo a alterar o desenvolvimento político contemporâneo no Ocidente.

Este livro de José Brissos-Lino e Jorge Botelho Moniz surge pois em boa hora com importantíssimos contributos para se poder, nos próximos tempos, contribuir para o aceleração e aprofundamento dos estudos académicos sobre o populismo religioso.

Será, pois, com base nestes importantes estudos, que se poderão dar contributos significativos ao sistema político em geral no sentido de melhor combater estes populismos, incluindo o religioso. Afinal, a sociedade política em geral deverá exercer melhor os mecanismos de escuta junto das populações, ouvir os seus problemas e preocupações no sentido de se munirem de políticas mais inteligentes, cuja visão seja mais atraente, liberal e inclusiva. Deve, pois, a presente obra, ser uma referência, tanto no meio académico, como para o público em geral.

Vitor Rafael